

O TESOURO DA AMAZÔNIA

Em livro do século XVIII, jesuíta português mostra empatia com os povos originários e, como naturalista, descreve rios, plantas e animais

Carlos Fioravanti

O rio Maranhão ou rio Amazonas com a missão da Companhia de Jesus, mapa do jesuíta Samuel Fritz, impresso pela primeira vez em Quito, em 1707





2

Quando viviam no Brasil, nos três primeiros séculos do período colonial, os jesuítas construíam colégios, ensinavam os indígenas, escreviam longas cartas para os colegas de outros países e viajavam bastante. Um deles, o português João Daniel (1722-1776), chegou ao Brasil aos 19 anos, completou sua formação no Colégio de São Luís, em São Luís, então sede do estado do Grão-Pará e Maranhão, e durante 16 anos percorreu aldeias e povoados da região amazônica para cumprir seu papel de missionário.

Suas andanças terminaram em 1757 por causa de uma lei editada pelo secretário de Estado do Império português, Sebastião José de Carvalho e Melo, o marquês de Pombal (1699-1782), extinguindo o trabalho missionário dos jesuítas, que se opunham à escravização dos indígenas. Deportado em 1757 com outros nove missionários, Daniel ficou quatro anos em uma prisão no nordeste de Portugal e outros 16, até morrer, em São Julião da Barra, um forte militar próximo a Lisboa. Na prisão, para ocupar o tempo e, como ele anotou, “enganar a falta de sono”, escreveu as 766 páginas do livro *Tesouro descoberto no máximo*

rio Amazonas, que se tornou uma obra de referência sobre a região no século XVIII, com impressões sobre rios, plantas, animais e povos nativos.

“Provavelmente ele tinha algumas anotações, porque há referências a outros livros que dificilmente ele teria na prisão”, comenta o polonês Henryk Siewierski, professor de teoria literária na Universidade de Brasília (UnB). O jesuíta escreveu com base essencialmente em sua memória dos anos em que ficou no Brasil, reforçada pelas informações de outros padres expulsos da Amazônia que também estavam na prisão.

Em vista das circunstâncias em que foi produzido, até mesmo com interrupções decorrentes da falta de papel, Siewierski considera uma sorte o manuscrito ter sobrevivido e desde 1810 estar “muito bem guardado”, como ele próprio verificou, na Biblioteca Nacional. Dom João VI (1767-1826) enviou para lá as primeiras cinco partes do livro, que trouxe ao se mudar com a Corte para o Rio de Janeiro, em 1808; a sexta foi encontrada depois na Biblioteca de Évora, em Portugal. Publicado em partes a partir de 1820 em Portugal e no Brasil, o livro ganhou uma edição integral aqui em 1976 pela Biblioteca Nacional e outra

JACARÉ

“é o monstro mais proporcionado de tanto rio grandeza. Há jacarés de 40 e 50 palmos de comprimento, com proporcionada grossura, como uma ordinária pipa, principalmente o seu bojo”

em 2004, pela editora Contraponto, em dois volumes, com 1.224 páginas.

Radicado no Brasil desde 1986, Siewierski leu o *Tesouro* depois de percorrer os rios Xingu, Tocantins e Marajó com colegas antropólogos, biólogos, linguistas e geógrafos em expedições promovidas pela Universidade Federal do Pará (UFPA) de 2002 a 2005. Em seguida, escreveu um capítulo sobre o missionário no livro *Raj nie do utracenia. Amazonskie silva rerum* (Amazônia, paraíso que não pode ser perdido), publicado em polonês em 2006, e um estudo com uma seleção

TAMANDUÁ

“um dos animais mais galantes da América” [...] “são da grandeza e feitio de um grande galgo, algum tanto mais altos”



MARACAJÁ

“do tamanho de um cachorro inglês; mas a figura é de gato, como todas as mais onças”

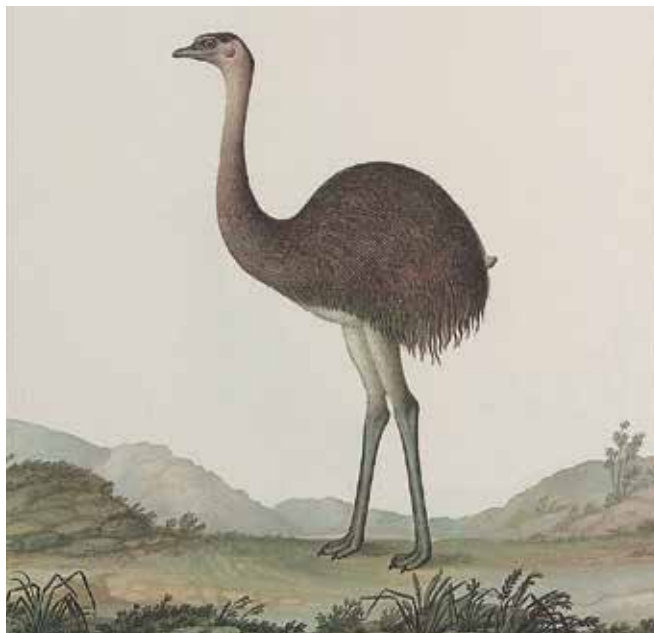


de trechos do *Tesouro, o Livro do rio máximo do padre João Daniel* (Educ, 2012).

“João Daniel é uma voz de profundis em defesa dos indígenas e da Amazônia, vista ela própria como tesouro que precisa ser cuidado”, diz ele. “O padre português não deixa de ser evangelizador, mas reconhece a importância da cultura e dos mitos dos povos indígenas e critica a evangelização a qualquer preço.” Para o pesquisador polonês, a conversão deveria decorrer das vantagens espirituais, como a possibilidade de vida eterna, não em troca de instrumentos que facilitassem o trabalho, como facões e enxadas.

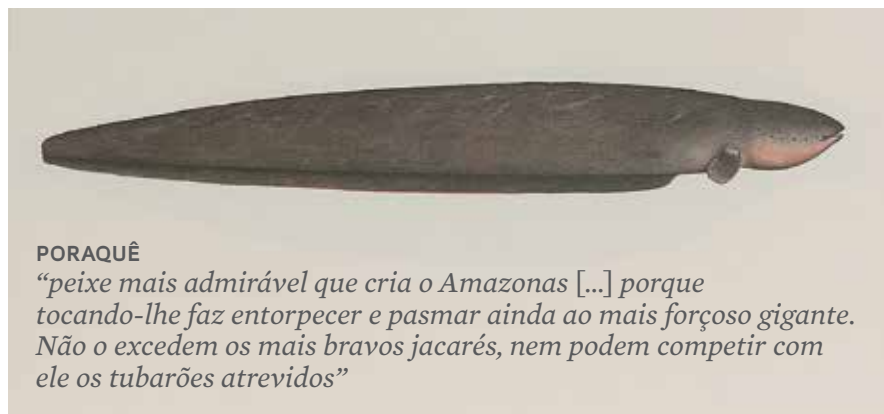
EMA

“É tão voraz que não só digere pedras o seu papo, mas também a prata, como se viu nas aldeias”



Em um artigo com o historiador Zady Alberto da Silva publicado em 2014 na *Revista Ultramares*, o historiador alemão Karl Heinz Arenz, da UFPA, comparou a visão de Daniel sobre os indígenas com a de outros dois jesuítas: o português Antônio Vieira (1608-1697), que viveu no Maranhão de 1653 a 1661, autor de *Sermões*; e o luxemburguês João Felipe Bettendorff (1625-1698), que escreveu *Crônica dos padres da Companhia de Jesus no estado do Maranhão (1627-1698)*, publicada em 1910 pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), e viveu na região durante 37 anos. “Vieira era idealista e paternalista; Bettendorff defendia apenas a aplicação das normas religiosas; e Daniel era desiludido, ao escrever que os indígenas eram selvagens e ‘sumamente tenazes e misteriosos’, às vezes falavam sem parar e outras se calavam, o que ajudava a explicar os lentos avanços da evangelização”, comenta.

Autor de *Valente para servir: o padre João Felipe Bettendorff e a Amazônia portuguesa no século XVII* (Caravana, 2022), Arenz chegou ao Brasil em 1990, traba-



PORAQUÊ

“peixe mais admirável que cria o Amazonas [...] porque tocando-lhe faz entorpecer e pasmor ainda ao mais forçoso gigante. Não o excedem os mais bravos jacarés, nem podem competir com ele os tubarões atrevidos”

lhou seis anos como missionário na formação de lideranças comunitárias em Oriximiná, no Pará, e leu o *Tesouro* quando fazia o doutorado em Paris em história moderna e contemporânea. “Como outros missionários”, ele acrescenta, “Daniel ficou impressionado ao ver que os indígenas não se apegavam a riquezas nem julgavam os outros conforme as posses”.

Daniel afirmou que os indígenas “são gente também”, justificando-se: “Houve europeus que chegaram a proferir que os indígenas não eram verdadeiros homens, mas só um arremedo de gente”. Ele destacou a valentia dos nativos e chamou a antropofagia de “o mais bárbaro e abominável abuso” de “algumas nações dos índios [sic] do Amazonas”. Também re-

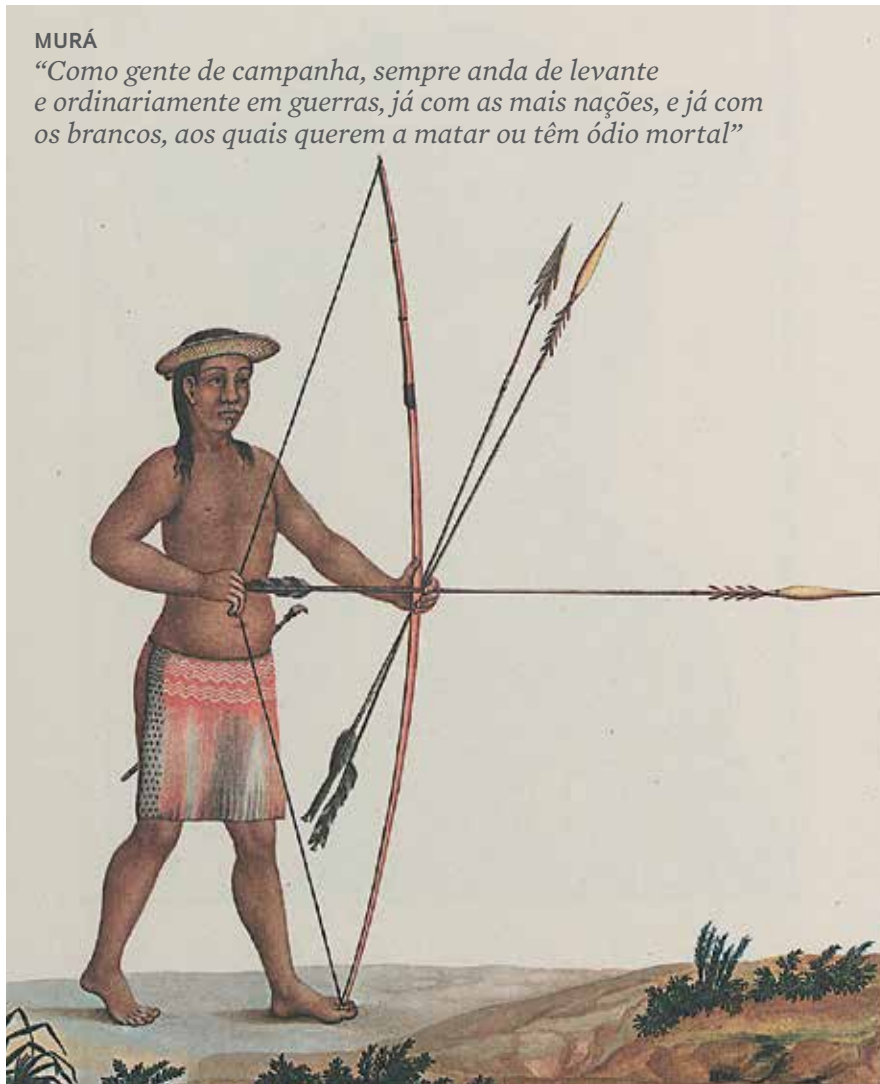


PALMEIRAS

“Crescem muito direitas estas palmeiras, com o tronco muito liso”;
 “os ramos de quatro ou cinco palmos de comprimento são muito fechados e lindos de cor verde-escuro”

conheceu que os portugueses poderiam aprender com os nativos a fazer canoas e denunciou os abusos das mulheres pelos colonizadores. Ele escreveu: “Era brutal a lascívia e monstruosa a desenvoltura com que sem temor de Deus nem pejo dos homens usavam ou abusavam do sexo feminino, com tanta lassidão que parece enforcaram ou alijaram ao mar as consciências, ao passar da linha na viagem da Europa para as terras da América”.

“O padre João Daniel podia soltar a opinião porque estava sozinho, na prisão, e não sabia se o que escrevia seria publicado algum dia”, comenta a bióloga Vera Maria Fonseca de Almeida-Val, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Ao ler o livro, em 2004, ela observou: “Como um naturalista, ele descreve não apenas os animais, mas também as relações entre eles, como a cooperação entre os jacarés e os pássaros que limpam seus dentes”.



MURÁ

“Como gente de campanha, sempre anda de levante e ordinariamente em guerras, já com as mais nações, e já com os brancos, aos quais querem a matar ou têm ódio mortal”

Ao tratar da natureza, Daniel mostrou-se um narrador entusiasmado: “É sem dúvida o Amazonas o máximo dos rios”, escreveu no *Tesouro*. Para ele, o rio era “muito pacato”, sem cachoeiras. Já as ondas da pororoca, o encontro do Amazonas com o mar, eram “encrespadas, bravas e tão horrorosas” que faziam “subir a maré por quatro léguas [19,3 quilômetros], e talvez mais em algumas partes”.

Em setembro deste ano, o geólogo paulista André Oliveira Sawakuchi, da Universidade de São Paulo (USP), encantou-se ao ler o *Tesouro* pela primeira vez: “João Daniel já fala das águas branca e preta dos rios da Amazônia e associa a primeira àquela que vem dos Andes”. Atualmente, acrescenta Sawakuchi, as águas dos rios da Amazônia são classificadas em branca, como as dos Solimões e Madeira; preta, como as do Negro; e clara, como

as dos Tapajós e Xingu. O geólogo da USP observou que a descrição do Tapajós e suas cachoeiras é mais detalhada que a do Xingu, provavelmente, a seu ver, pela dificuldade de navegação.

Sawakuchi encontrou pequenos equívocos, como o rio Japurá, um dos afluentes da margem esquerda do Solimões, com cinco fozes ou bocas: “Hoje vemos uma ou duas bocas, que se confundem com a bifurcação do canal do rio Solimões, mas é fácil de ver por causa das imagens de satélite e fotografias aéreas. Na época dele, a grande quantidade de ilhas devia dificultar a identificação das bocas dos rios”. Ele também notou que o jesuíta descreveu o rio Branco, que corta Roraima, correndo em sentido oposto ao do Amazonas, quando eles são quase perpendiculares. Sawakuchi começou em 2010 a estudar a história dos rios da Amazônia, por meio da análise de seus sedimentos. ■